

Patrimonialiser la mémoire diasporique

Axe 1 – Produire en situation de diaspora et produire sur les diasporas

AUTEUR

Carolina Cunha Carnier (Aix-Marseille Université)

TITRE

Vimala Devi, Ida Vitale et Gabriela Mistral : diaspora au féminin ou la lusophonie en dialogue

RESUME

L'Amérique Latine, avec l'avènement des régimes militaires dans la deuxième moitié du XX^{ème} siècle, a été le terrain à partir duquel une série de textes se sont développés ayant comme particularité les expériences de l'exil. Aussi, à la même époque, dans les territoires englobant les circonscriptions des empires coloniaux européens en disparition, se déploient des textes discutant de thèmes tels que l'appartenance et l'identité dans un monde globalisé, où les individus s'entrecroisent dans les chemins des migrations. Malgré de situations de déplacements et de déracinement diverses, ces deux mouvements sont un espace de dialogue à l'intérieur duquel convergent de positions de résistance à l'ordre social, économique, politique alors en place. Or, certaines formes de questionnement des pouvoirs, comme la littérature, contribuent avec un processus de transmission et conservation des savoirs. Si de plus en plus la notion de patrimonialisation est discutée dans le cadre des Sciences Humaines, qu'en est-il des représentations produites par les femmes, incluant une perspective liée genre¹ ? Que gardent ces représentations de la symbolique et du sens d'une histoire collective et d'un partage d'un certain nombre d'expériences ?

Afin de démontrer le fonctionnement de l'espace de dialogue qui compose ce genre de textes, le corpus choisi consiste dans une sélection de poèmes relevant de l'univers lusophone et hispanophone. Ces textes offrent un terrain de représentation dont le dénominateur commun est le postcolonial et dont l'analyse adéquate produit un nécessaire appareil littéraire, philosophique, politique et social qui sont les bases des processus de patrimonialisation. Cette démarche comparatiste est pertinente pour deux raisons. D'abord parce qu'elle démontre non pas l'existence d'un essentialisme des écritures de migration, mais une sorte de contre-pouvoir

¹ L'intérêt suscité, encore de nos jours, par les études développées par Luce Irigaray, Hélène Cixous ou Monique Wittig dans le domaine francophone ou Judith Butler, Nancy Fraser ou encore Sandra Bartky dans le domaine anglo-saxon confirme la pertinence d'une telle visée.

Patrimonialiser la mémoire diasporique

Axe 1 – Produire en situation de diaspora et produire sur les diasporas

qui s’instaure avec les outils du « patrimoine officiel », le discours littéraire. Ensuite parce qu’elle permet de mieux comprendre la diaspora lusophone dans l’intersection d’autres processus migratoires, marqués par des faits historiques divers, dans la confluence des différentes langues.

Il s’agira, dans un premier moment, d’analyser une sélection de poèmes de l’uruguayenne Ida Vitale, notamment ceux issus des recueils *Oidor Andante* (1972) et *Jardin de Sílice* (1980) dans un dialogue avec *Suria* (1962) de Vimala Devi. Si nombreuses études se concentrent sur l’influence des textes de Gabriela Mistral dans la poétique de Vitale, reste inédite, en revanche, le rapprochement entre le lyrisme des représentations de l’Uruguay de cette dernière, ayant vécue elle aussi de longues années à l’étranger après le coup d’état en Uruguay, et le rapport sensible de l’image de Goa dépeinte par Devi dans nombreux de ses textes. Dans un deuxième moment je démontre les démarches poétiques ressemblantes concernant les mémoires de l’exil –forcé ou choisi- présentes dans *Suria* de Devi, et *Poema de Chile* de Mistral. Dans un troisième et dernier moment, il s’agira de démontrer le déploiement du thème des migrations vers une sorte de désir d’universalisation. Nous verrons comment l’écriture de Devi, Vitale et Mistral, aspire à poétique profondément ancrée dans un monde globalisé, notamment par une démarche autour de la traduction littéraire, des intertextes avec le canon occidental toujours dans un dialogue profus avec les mémoires du pays « originaire ».

AUTOR

Carolina Cunha Carnier (leitora, Aix-Marseille Université)

TÍTULO

Vimala Devi, Ida Vitale e Gabriela Mistral: diáspora ao feminino ou a lusofonia em diálogo

RESUMO

A América Latina, com o advento dos regimes militares, na segunda metade do século XX, foi um terreno a partir do qual uma série de textos se desenvolveram tendo como particularidade as experiências do exílio. Ainda, no mesmo período e nos territórios dos impérios coloniais europeus, em desaparecimento, desenvolvem-se textos que discutem temas tais quais o pertencimento e identidade em um mundo globalizado no qual os indivíduos entram constantemente em contato nos percursos de migração.

Apesar de situações de deslocamentos e de desarraigamentos diversas, estes dois movimentos são um espaço de diálogo para o interior do qual convergem posições de resistência à ordem social, econômica e política então em voga. Para tanto, certas formas de questionamento das instancias de poder como a literatura contribuem com um processo de transmissão e conservação de saberes. Se cada vez mais a noção de patrimonialização é discutida no contexto das ciências humanas, pode-se perguntar o que essa tendência a uma patrimonialização da literatura tem a dizer sobre as representações produzidas por mulheres, incluindo um questionamento ligado ao gênero². O que essas representações apresentam de simbólico em relação a uma certa história coletiva ?

Afim de demonstrar o funcionamento do espaço de diálogo que compõe essa categoria de textos, o corpus escolhido consiste em uma seleção de poemas do universo lusófono e do hispanófono. Estes textos oferecem um terreno de representação cujo denominador comum é o pós-colonial e cuja análise adequada produz um necessário aparato literário, filosófico, político e social que se configuram como a base dos processos de patrimonialização. A perspectiva comparatista é, aqui, pertinente por duas razões: em primeiro lugar porque ela evidencia a recusa dessas escrituras em restringir-se a um essencialismo e a instituição, com as ferramentas do “patrimônio oficial” e pelo literário, de sua força de resistência. Em segundo lugar porque o

² O interesse ainda hoje suscitado pelos estudos de Luce Irigaray, Hélène Cixous ou Monique Wittig, no campo lusófono, ou Judith Butler, Nancy Fraser e ainda Sandra Bartky no campo anglo-saxão, confirmam a pertinência de tais questionamentos.

Patrimonialiser la mémoire diasporique

Axe 1 – Produire en situation de diaspora et produire sur les diasporas

comparatismo permite uma melhor compreensão da diáspora lusófona na intersecção com outros processos migratórios, marcados por fatos históricos diferentes, na confluência de línguas diversas.

Tratarei, num primeiro momento, da análise de uma seleção de poemas da poetisa uruguaia Ida Vitale - sobretudo uma seleção extraída de *Oidor Andante* (1972) e *Jardin de Sílice* (1980) – em um diálogo com o livro da goense Vimala Devi em *Suria* (1962). Se muito já se disse sobre a influencia da obra de Gabriela Mistral, cuja obra abordo na segunda parte desse trabalho, é inédita, no entanto, a aproximação do lirismo das representações da Montevideo de Vitale, ela mesma tendo vivido durante muitos anos no exterior após o golpe de estado de 73, e a relações com o sensível explícitas nas representações de Goa de Devi. Num segundo momento demonstro o modo similar como se organizam os mecanismos poéticos presentes em *Suria* de Devi e *Poema de Chile* de Gabriela Mistral tratando do espaço de interstício que as imagens do país natal produz. Por fim, trato do desenvolvimento do tema das migrações em direção a um desejo de universalização. Demonstrarei como a escritura de Devi, Vitale e Mistral aspiram a uma poética profundamente arraigada em um mundo globalizado, particularmente no que se refere a suas atividades em torno da tradução literária, na intertextualidade profunda com o “canon” ocidental em um diálogo proficuo com as memórias do país natal.